

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DANIELLE ALESSANDRA EVANGELISTA PEREIRA

REFLETINDO SOBRE AS RELAÇÕES DE PAIS, FILHOS E EDUCADORES NA
EDUCAÇÃO INFANTIL.

CAMPINAS

2019

DANIELLE ALESSANDRA EVANGELISTA PEREIRA

REFLETINDO SOBRE AS RELAÇÕES DE PAIS, FILHOS E EDUCADORES NA
EDUCAÇÃO INFANTIL.

Monografia apresentada à Faculdade de Educação
da UNICAMP, para obtenção de conclusão de curso -
TCC/ Educação de Crianças e Pedagogia da Infância/
EDU-0180 003 sob orientação da docente: professora
doutora Lilian Cristine Ribeiro Nascimento.

CAMPINAS

2019

CATALOGAÇÃO

**Ficha catalográfica Universidade
Estadual de Campinas Biblioteca
da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751**

Pereira, Evangelista Alessandra Danielle, 1976-

P414r Refletindo sobre as relações de pais, filhos e educadores na educação infantil

/ Danielle Alessandra Evangelista Pereira. – Campinas, SP : [s.n.], 2019.

Orientador: Lilian Cristine Ribeiro Nascimento.

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação de crianças. 2. Pais e professores - Relações. 3. Relações educativas. 4. Creches. 5. Educação infantil. I. Nascimento, Lilian Cristine Ribeiro, 1966--. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação.

III. Título.

Informações adicionais, complementares

Titulação: Especialista

Data de entrega do trabalho definitivo: 21-11-2019

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Monografia apresentada como requisito para obtenção de conclusão de curso Educação de Crianças e Pedagogia da Infância/ EDU-0180 003 na Universidade de Campinas - UNICAMP

Autora: Danielle Alessandra Evangelista Pereira

REFLETINDO SOBRE AS RELAÇÕES DE PAIS, FILHOS E EDUCADORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

COMISSÃO JULGADORA:

NOME PRIMEIRO LEITOR E ORIENTADOR: Lilian Cristine Ribeiro Nascimento

NOME SEGUNDO LEITOR: Lavínia Lopes Salomão Magiolino

CAMPINAS

2019

DEDICATÓRIA

Dedico este momento de conclusão de curso a Deus por permitir que, ao longo de meus dias, eu estivesse caminhando neste curso e a minha família por estar diariamente oferecendo-me o suporte e apoio necessários para a conclusão desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Sou grata imensamente por ter tido uma linda história no contexto do saber e da Educação.

Agradeço a Deus por me conduzir, por ter me dado a oportunidade da vida e por estar ao meu lado diariamente, fazendo-me caminhar e conquistar os meus sonhos.

Sou grata a minha família, minha base, o lugar onde verdadeiramente praticamos o amar, o doar-se, o perdoar e de onde obtive total apoio para terminar essa etapa repleta de novas possibilidades.

Em especial, agradeço ao meu esposo Fábio, grande companheiro em todas as minhas conquistas, um homem compreensivo que, durante todos esses meses, ofereceu-me suporte e incentivos em minha busca pelo saber.

A todas as minhas colegas de curso e docência, muitas delas foram ricas fontes de inspiração durante esta jornada.

Aos queridos professores que em minha vida passaram incentivando-me, levando-me a um patamar mais alto do que eu mesma podia imaginar.

Agradeço carinhosamente a minha professora e orientadora Lilian Cristine Ribeiro Nascimento por esse trabalho e por causar em mim um desejo inexplicável de continuar a pesquisar e a desvendar todas as possibilidades que a Psicanálise pode nos proporcionar.

Sou grata a minha professora e segunda leitora Lavínia Lopes Salomão Magiolino que, de modo gentil e prestativo, se disponibilizou a participar desse trabalho trazendo grandes contribuições.

A criança, portanto, é mais do que um ser em desenvolvimento, é um “lugar” no qual circulam os significantes que marcam seus pais, seus avós, tios: enfim, toda uma rede de significações que atravessam as gerações, através da linguagem. (RODULFO)

RESUMO

Vemos que a modernidade criou uma série de especialistas que dividem com os pais e com os professores a tarefa da educação das crianças. Em especial, durante meus vinte e seis anos de docência, questões relacionadas ao comportamento infantil e às relações estabelecidas entre filhos, pais e professores levaram-me a produzir essa monografia em forma de pesquisa qualitativa, através de um estudo de caso.

Em vista disso, esse trabalho teve como objetivo analisar as relações da família, da escola e como elas promovem o processo de subjetivação das crianças na Educação Infantil.

Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica de artigos e livros fundamentados na abordagem psicanalítica, tendo como principais autores Durval Checchinatto (2007) e Cristina Helena Guimarães Sartori (2001).

Buscou-se também coletar dados através de entrevistas de outras professoras que estiveram presentes no processo de aprendizagem da criança pesquisada, além de análise dos relatórios de desenvolvimento da mesma, escritos desde o início de seu vínculo com a instituição de ensino na qual estava inserida.

Demonstrou-se, ainda que brevemente, como a Psicanálise está atrelada a Educação e como os fatores biológicos e culturais acompanham nossa formação enquanto sujeitos que somos.

Para melhor caracterizar essa pesquisa, houve a explicação sobre o que vem a ser relação triangular, castração e crianças com sintomas de pais.

Os resultados da pesquisa acarretaram uma mudança em minha postura enquanto profissional da Educação, pois passei a observar a criança em seu aspecto emocional e comportamental sem nenhuma pretensão de fazer qualquer pré-julgamento para só depois interligá-los ao aspecto cognitivo; trouxeram, então, uma redefinição de conceitos em minha vida pessoal. Sendo assim, passo a ser mais atenta ao ser humano enquanto um indivíduo que carrega dentro de si uma história; às vezes boa, outras vezes de dor ou crueldade, indiferença, egoísmo, entre outras coisas. Nota-se também a alteração na postura dos pais da criança que passam a ser mais seguros em seus atos, objetivando o bem da filha, de modo a fazê-la adquirir gradativamente a maturidade necessária para consolidar-se enquanto sujeito social e, por último, faz-se notório na criança os avanços na fala, na independência e na sua autonomia na vida diária.

PALAVRAS CHAVE: criança, sintomas, pais, professor, creche.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - TRIANGULAÇÃO DA RELAÇÃO FAMILIAR..... 19

INTRODUÇÃO

Com muita satisfação, escrevo essa monografia que se originou a partir de inquietações advindas de minha docência e que muito me impulsionaram a obter descobertas no âmbito da fascinante relação firmada entre pais, filhos e professores. O presente trabalho tem como objetivo analisar as relações da família, da creche e como elas promovem o processo de subjetivação das crianças na Educação Infantil.

O processo de subjetivação da criança inicia-se ainda quando bebê, de acordo com Daró et al. (2017)

Para se tornar sujeito, o bebê precisa passar por um processo de constituição subjetiva e integração do eu, que será auxiliado pela função materna. A comunicação pelo olhar tem importante papel nessa função, pela qual o bebê poderá se diferenciar de sua mãe e do ambiente e formar a sua subjetividade (p.646).

A metodologia escolhida é um estudo de caso de uma criança que fez parte de minha turma na Creche CECI PARCIAL/ Unicamp no ano de 2018. Justifico minha escolha pelo estudo de caso, pois almejava um conhecimento amplo e detalhado das ações manifestadas pela criança, mas sem patologizá-la.

Escolho ainda esse assunto para ser o tema de minha monografia; pois, após anos trabalhando com crianças - e em especial no ano de 2018 com a criança do estudo de caso, passo a observar que nelas ocorrem atitudes que remetem - e muito - ao modo como foram geradas ou educadas, indagando-me o porquê de cada sujeito manifestar tais atos; como, por exemplo, repetir falas, rodar em volta do espelho, chorar e se irritar com as mudanças da rotina e que, muitas vezes, destoavam do restante grupo de crianças.

Após uma aula na disciplina de Inclusão do curso Especialização, ministrada pela professora Lilian Nascimento, de que eu participava em meados de 2018 na Faculdade de Educação da Universidade de Campinas, cujo assunto tratava sobre a construção da relação triangular familiar - darei maiores detalhes no capítulo dois - passei a interessar-me ainda mais em responder meu questionamento: “crianças são realmente um sintoma de seus pais?”. Como eu pouco conhecia sobre o assunto, fui em busca de respostas e me deparei com a Psicanálise, teoria que traz importantes informações sobre o funcionamento da mente humana. Assim, como forma de aprender, compreender e analisar as relações entre filhos, pais e professores na Educação Infantil, caminhei em direção à pesquisa e escrita desse trabalho.

Antes de mais nada, venho apresentar um memorial de minha vida que resulta de um processo de crescimento e amadurecimento, quer na perspectiva de trabalho, quer na vida pessoal.

Esse memorial trata da minha experiência profissional e da minha formação enquanto pessoa. Através dele, relembro e reflito minha prática que, a princípio, foi apoiada em Madalena Freire e Paulo Freire por serem os autores que eu mais me identifiquei no tempo de faculdade, tendo como leitura memorável as obras “A paixão de conhecer o mundo” (Madalena Freire, 1983) e “A pedagogia do oprimido” (Paulo Freire, 1968).

Logo depois, interessei-me pela autora Emília Ferreiro na obra intitulada “Psicogênese da Língua Escrita” (1986) por estar à frente da docência de uma primeira série do Ensino Fundamental I.

Meu foco central está na reflexão da minha identidade docente que foi construída ao longo de uma vida profissional que completa vinte e seis anos este ano.

Após esse relato, trago a abordagem qualitativa através da perspectiva psicanalítica e traço reflexões sobre a interação dos educadores (pais e professores) na construção subjetiva da criança.

O capítulo 1, com o título “Registrando minha história de vida e minha prática profissional”, relato como me tornei professora contextualizando minha trajetória pessoal e profissional até os dias atuais.

No capítulo seguinte, minha abordagem focará nas relações de pais e filhos sob o olhar da Psicanálise.

Analisarei no capítulo 3 a importância do papel do professor como mediador dessa relação de pais, filhos e creche e como esse profissional pode contribuir ou não para melhorar o desenvolvimento da criança inserida no espaço da creche ou da escola regular.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento desse trabalho de pesquisa, bem como descrições importantes sobre todo o processo que envolveu os pais, a criança e o professor, relato no quarto capítulo.

Finalizo apresentando um estudo de caso, na perspectiva de uma relação família/professora.

Penso que essa pesquisa poderá servir como um processo inicial para novas pesquisas na área acadêmica, relacionadas ao meu questionamento: “crianças são sintomas de pais?” Penso, ainda, que esse é apenas um pequeno passo e que o caminho ainda será longo, e eu pretendo terminar essa caminhada, quem sabe almejando outros patamares dentro do estudo acadêmico. Mas isso será futuramente.

CAPÍTULO 1. REGISTRANDO MINHA HISTÓRIA DE VIDA E MINHA PRÁTICA PROFISSIONAL.

Quando, exatamente, comecei a me interessar pela profissão de professora, não sei. O que sei, na realidade, é que trago na memória as brincadeiras da infância, as horas livres no quintal de casa, brincando de escolinha.

Reproduzia com minhas amigas da rua, fielmente, as falas e ações de minhas professoras, desde a pré-escola. Se hoje escrevo sobre minha vida profissional e minha formação é porque são parte de mim, mas é muito complicado escrever sobre uma história de vida, principalmente quando nós somos os personagens dela.

Porém, começarei contando sobre minhas lembranças.

Recordo-me bem de meus professores. A escola que trazia boas sensações: alegria ao fazer trabalhos escolares, ajudar nas festas, estar naquele ambiente dava sentido a inúmeros sentimentos.

Determinação, comprometimento e amor pela Educação caminharam comigo desde a Educação Básica até chegar aqui, nessa Especialização. Sentimentos e ações construídos ao longo do contato com esse ambiente educacional, pois segundo Noé (2000), “a educação constitui um processo de transmissão cultural no sentido amplo do termo (valores, normas, atitudes, experiências, imagens, representações) cuja função principal é a reprodução do sistema social” (p. 23).

Sempre baseada na ética, na conscientização e na liberdade social é que eu quis, busquei, almejei e cheguei a ser professora, transformando minha realidade através da Educação.

Estudei a pré-escola em instituição de ensino particular; mas o Ensino Fundamental I, cursei em escola pública da rede estadual.

Ao findar a oitava série, eu já tinha a plena certeza de que queria ingressar na carreira do Magistério, optando por fazer o curso no Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério¹ por ser uma instituição de ensino integral que concedia aos alunos uma bolsa de estudos no valor de um salário mínimo vigente.

Segundo citação de Patrucci (1994),

Os Centros de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério não se destinam a reviver as antigas Escolas Normais ou Institutos de Educação, mas propõem uma outra filosofia e uma outra prática pedagógica, voltadas para a habilitação do magistério, a qual tem atualmente suas reais funções descaracterizadas. Dentro desta perspectiva é

¹ CEFAM

que devem ser vistos os objetivos propostos para esses Centros: a) "dar prioridade efetiva à formação dos professores das séries iniciais do primeiro grau e pré-escola"; b) "aprimorar a formação dos professores dos cursos de Habilitação ao Magistério para que se tornem os grandes artífices da qualidade do ensino" (p.9).

Minha visão sobre ser professora foi moldada no CEFAM. Meus professores, muito comprometidos com a docência, ensinavam não só os conteúdos das diversas disciplinas, mas também contribuía diariamente com minha formação profissional ensinando conceitos tais como o de instrumentar o ato docente para o dia a dia escolar, forjando meu caráter pessoal e técnico, levando a almejar estar em constante ato de pesquisa na área, atuando de forma atualizada e buscando a melhoria na qualidade do ensino prestado ao aluno.

Concordando com MORAES (2017) no CEFAM aprendi que

A educação baseada na consciência e na libertação do educando faz com que ocorram transformações no mundo, no sentido de que a formação de indivíduos críticos torna uma sociedade melhor, a partir da investigação e da mudança de realidades. (p. 08)

Assim, a cada dia, com o aparato desse meio no qual eu estava inserida, minha consciência social e caráter profissional iam se delineando. Contudo, depois de três anos e seis meses, pela necessidade de ter um trabalho remunerado e auxiliar nas despesas de minha família, mudei de instituição de ensino, desligando-me do CEFAM, passando a fazer o magistério somente no período da noite no Colégio Estadual "Carlos Gomes" para trabalhar durante o dia.

Sendo assim, comecei a exercer o ofício do magistério e fui trabalhar como professora auxiliar no berçário do Colégio Vivendo e Aprendendo em Campinas-SP, experimentando inúmeras vivências no ato de cuidar e de educar cotidianamente. De acordo com Tristão (2004), educar bebês significa.

Promover um crescimento integral do indivíduo, também desenvolver solidariedade, capacidade de enxergar o outro e tolerância para com outros modos de ser, de modo a ter respeito e responsabilidade para com os demais (p.08)

Conseqüentemente, foi nessa etapa da minha vida profissional que entendi o "valor da profissão". Entendi que diante de mim estavam não somente crianças querendo brincar, mas também a minha responsabilidade em participar da construção do caráter de crianças ainda pequenas, mas que um dia estariam inseridas na sociedade trabalhando, estudando, votando, casando-se, entre outras coisas.

Eu estava diante de inúmeras mudanças. Finalizando meus estudos no Magistério, ingressei em 1995 no Ensino Superior no curso de Pedagogia na Pontifícia Universidade Católica de Campinas², onde cursaria por quatro anos.

Durante todo esse tempo que passei no Ensino Superior, paralelamente fui dando novos rumos a minha vida pessoal, casando-me e tendo a oportunidade de ser mãe da Ana Clara, razões pelas quais somente no último ano de faculdade, em 1999, aceitei um convite de trabalho na área da Educação Infantil no Colégio Crescer em Campinas-SP.

Nessa instituição, permaneci no quadro docente por 07 anos, atuando com diversas faixas etárias, exercendo a prática docente no Maternal, na antiga primeira série e no reforço escolar das séries iniciais do Ensino Fundamental I.

No Colégio Crescer, passei a realizar variados cursos de pequena extensão na área de alfabetização e letramento. Fui aprimorando o meu fazer nesta temática e a cada dia encantava-me mais por esta área. Baseava-me em leituras de textos e livros de Emília Ferreiro, como o livro já citado “A Psicogênese da Língua Escrita” (1986).

A identificação com tal autora foi ganhando grandes proporções e, assim, trabalhando numa instituição de ensino, procurei dia-a-dia construir com as crianças um processo da escrita e da leitura que pretendia, segundo Ferreiro e Teberosky (1986)

[...] demonstrar que a aprendizagem da leitura, entendida como questionamento a respeito da natureza, função e valor deste objeto cultural que é a escrita, inicia-se muito antes do que a escola imagina, transcorrendo por insuspeitados caminhos. Que além dos métodos, dos manuais, dos recursos didáticos, existe um sujeito que busca a aquisição de conhecimento, que se propõe problemas e trata de solucioná-los, segundo sua própria metodologia... insistiremos sobre o que se segue: trata-se de um sujeito que procura adquirir conhecimento, e não simplesmente de um sujeito disposto ou mal disposto a adquirir uma técnica particular. Um sujeito que a psicologia da lecto-escrita esqueceu [...] (FERREIRO e TEBEROSKY, 1986, p. 11).

Apresentava diariamente uma leitura de mundo para a criança utilizando jornais e revistas, pesquisas em livros, figuras, escritas simbólicas de cartas, construção de cartazes, tudo baseado no interesse delas e nas respostas diante de cada atividade aplicada, respeitando suas opiniões e aproveitando seus conceitos já adquiridos antes mesmo de se escolarizarem.

Entre o findar de 2006 e o início de 2007, por ter sido desligada do quadro de funcionários do Colégio Crescer, comprei uma escola de Educação Infantil, no bairro Santa Mônica, na cidade de Campinas, que atendia crianças de 04 meses a 06 anos. No início, logo que com-

² PUCCAMP

prei a escola, havia 20 alunos matriculados, mas após 03 anos esse número havia aumentado para 70 alunos. Ao abrir o empreendimento, eu contava com 03 funcionários apenas; contudo, após o primeiro semestre, já havia 10 profissionais atuando em toda escola. Segundo Madalena Freire (1983), “todo este processo de descobertas nos desvela o processo educativo, a educação como um ato de conhecimento, que nunca se esgota, que é permanente e vital” (p. 54).

Fui mantenedora e diretora dessa escola de Educação Infantil, na cidade de Campinas, por três anos, de 2007 a 2010.

Concomitante a isso, em 2007 mesmo, recebi a convocação pela Universidade Estadual de Campinas³ para ingressar na Universidade em seu quadro funcionários na função de professora de Educação Infantil, referente a um concurso público prestado em anos anteriores.

Aceitei a proposta e iniciei meu trabalho docente na Creche da Área da Saúde/ UNICAMP simultaneamente a direção da escola Arte de Aprender.

Dentro de todo esse contexto em que, primeiramente, desenvolvo um trabalho relacionado a alfabetização e letramento no Ensino Fundamental I, depois assumo a função oposta, que é de administrar uma instituição educacional e, por fim, inicio meu trabalho no setor público como professora de bebês, nunca deixei de focar a criança como alguém que estava em constantes transformações, que necessitava ser vista de forma única, mesmo que em universos tão distintos, e nunca deixei de acreditar que eu fazia parte ativamente de toda essa construção social e emocional que envolvia as próprias crianças, as famílias e instituição escolar.

Eram ambientes distintos, mas em comum havia crianças, que necessitavam se firmar enquanto ser social que o são, se fazendo explorar, criar, brincar, fantasiar, entre outras coisas.

Continuamente fui observando que, brincando, a criança se expressava melhor, comia melhor, chorava menos, se adaptava aos espaços da instituição infantil e era cada vez mais autônoma, surtindo um impacto positivo no seu raciocínio, na sua capacidade de resolução de problemas, na flexibilidade de tarefas, além da capacidade de planejamento e execução de atividades.

Foi nessa fase que me encantei com a abordagem pedagógica de Lóris Malaguzzi, Pedagogo e Educador em Régio Itália, criador de uma abordagem pedagógica em Reggio Emilia, constituindo o princípio no qual "os professores devem aprender a interpretar processos contínuos, em vez de esperar para avaliar os resultados[...] devem incluir o entendimento das crianças como produtoras e não como consumidoras" (EDWARDS,1999, p.83).

³ UNICAMP

Sendo assim, vivenciei algo inédito em minha trajetória profissional, pois até então eu só conhecia a docência no Ensino Fundamental, que englobava o ato de alfabetizar, ministrar noções numéricas e construir conceitos mentais de aprendizagem; contudo, com a Educação Infantil, a prática é muito mais centralizada no ato do cuidar e, como consequência, o educar. Especificamente como professora do berçário na creche, atuando com crianças tão pequenas, passei a utilizar as diferentes linguagens mencionadas por Malaguzzi e a abordagem italiana como: pintura, teatro, música, brincadeiras na areias etc. na perspectiva do brincar-cuidar-educar, manuseando diferentes texturas e objetos através de projetos possibilitando no cotidiano a chance de fazer, de produzir, de pegar, de sentir e participar de cada momento, seja no parque, no refeitório, na biblioteca, no pátio, no jardim, entre outros lugares.

O tempo foi passando e, após três anos conciliando a função de mantenedora da Escola Arte de Aprender e de atuar como professora na Educação Infantil na Divisão de Educação Infantil e Complementar⁴ da Universidade Estadual de Campinas decidi que era o momento de estar somente na UNICAMP. Dessa forma, vendi a escola e esse processo causou um verdadeiro aprendizado que me possibilitou experimentar um grande amadurecimento pessoal e profissional.

Em 2014, tendo amplos incentivos profissionais vindos do ambiente universitário, propus querer saber mais sobre as funções cerebrais e as diferentes síndromes que influenciavam a aprendizagem infantil. Por isso, fui cursar pós-graduação em Neuropsicopedagogia pelo Centro Universitário da Vinci, na cidade de Campinas.

Nesse curso, ampliei horizontes e adquiri novos olhares para a área da inclusão escolar. Foi um tempo em que aprendi sobre as diferentes síndromes que envolvem o ser humano, analisei os mecanismos de funcionamento cerebrais em pessoas saudáveis e pessoas com diferentes patologias e me interessei por realizar um estudo de caso de uma criança com Autismo, o que ampliou meus conceitos acerca dessa patologia, permitindo-me trabalhar de forma mais segura com as crianças portadoras de autismo, além de apontar caminhos para que a inclusão ocorresse de forma efetiva em meu ambiente de trabalho educacional.

O aluno chega ao ambiente escolar codificado, ou seja, com seus problemas interiorizados. A escola deve ser o lugar no qual proporcione os educandos a exteriorizar suas problemáticas e incentivar uma visão aberta em relação ao mundo. Educação não deve ser um sistema de ensino caracterizado pela solidificação de conteúdos, mas sim pela expressão de pensamentos, pela liberdade de expor ideias e formulá-las para um melhor convívio e bem-estar em sociedade (MORAES, 2017, p.07).

⁴ DEDIC

Finalizada essa etapa, em julho de 2018 desejava por mais conhecimentos e, motivada pelos novos olhares voltados à Educação Infantil, busquei qualificar-me de forma específica nessa temática. Iniciei a Especialização em Educação de Crianças e Pedagogia da Infância, oferecida pela Faculdade de Educação da Unicamp que concluirei em dezembro de 2019.

O curso revelou possibilidade de voltar a estudar e me especializar ainda mais, ampliou e modificou conceitos até então já estabelecidos como a forma de olhar e trabalhar com crianças sem nenhuma deficiência física, mas com dificuldades diversas para interagirem com seus pares e instigou em mim o grande desejo de encontrar respostas para muitas temáticas de impacto que nos permearam durante esse processo de formação, como as relacionadas com as questões de gênero na Educação Infantil, as demandas sobre políticas públicas e as indagações acerca do brincar e do educar na educação de crianças pequenas, frente a uma sociedade globalizada, em que a família e a escola desempenham um papel fundamental.

Sendo assim, elegi as questões das diferenças entre as crianças para tematizar esse trabalho, as quais, segundo Carneiro (2012),

A construção da escola inclusiva desde a educação infantil implica em pensar em seus espaços, tempos, profissionais, recursos pedagógicos, etc., voltados para a possibilidade de acesso, permanência e desenvolvimento pleno também de alunos com deficiência, alunos esses que, em virtude de suas particularidades, apresentam necessidades educacionais que são especiais (CARNEIRO, 2012, p.81-95).

Nesse sentido, gostaria de compartilhar uma de minhas experiências profissionais vivenciada no ano de 2018 que trouxe grande aprendizado e reflexões sobre a prática profissional.

CAPÍTULO 2. RELAÇÕES FAMILIARES: O OLHAR DA PSICANÁLISE

Crianças são diferentes. Mas especialmente algumas mostram diferenças que nos leva a indagar: “por que são diferentes? Por que estão praticando ações diferenciadas? Ações essas muitas vezes ligadas ao seu ‘comportamento’”.

“Elas são diferentes por que estão inseridas em contextos sociais diferentes?”

“Se sim, de que forma esse ambiente de convívio social as influencia?”

“Essa influência causa alguma modificação em seus atos, em suas ações ao inserir-se na comunidade, quer ela familiar, escolar, entre outros?”

“E o professor, pode e deve ajudar para que esta criança única, repleta de diferenças, consiga reconhecer-se como sujeito, passivo das mais variadas pulsões e equilibrá-las?”

Tais respostas fazem parte do entendimento desse segundo capítulo.

Vamos iniciar falando sobre as relações familiares, mas na perspectiva da psicanálise.

Vamos falar de relações familiares por ser esse o primeiro ambiente de convívio social da criança.

A família é socialmente construída de acordo com as normas culturais e está totalmente inserida num contexto social, tendo assim suas relações interiores influenciadas por esse meio, o que acaba por gerar na família profundas transformações a cada período da história.

Para a psicanálise, a família é uma estrutura repleta de funções simbólicas,

A noção de família em psicanálise está ligada à estrutura de funções simbólicas. Nem família biológica, nem família sociológica ou etnológica. Mesmo que as formas de família mudem, como ocorreu com a família patriarcal na segunda metade do século XX, as funções de pai e de mãe (não necessariamente biológicos) vão continuar sempre. (CHECCHINATO, 2007, p. 96)

Nas relações estabelecidas no interior de cada família, entre seus integrantes, é onde nos tornamos sujeitos e estabelecemos nossa estrutura psíquica. Para a criança, não existe nada que seja inato. É nas relações familiares que se estabelecem os sintomas de cada um de nós. Por essa razão é que, mediante a teoria da psicanálise e segundo Checchinato (2007), os filhos são sintomas de pais, e sintomas é tudo aquilo que angústia, que é a expressão do conflito.

A família é o lugar onde se desenrola toda a estruturação sadia e equilibrada para a criança e se, por algum motivo, essa estrutura não oferece uma base firme e constante para que ela se desenvolva, a criança se vê desprotegida, desamparada neste mundo, o que acaba por comprometer sua existência.

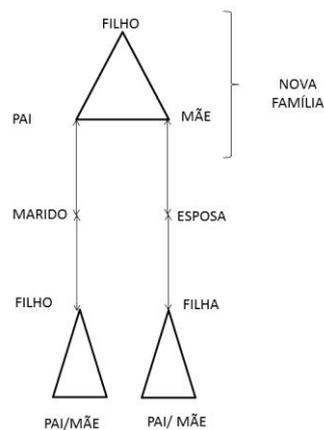
Nesse cenário de estruturação, especificamente entre o terceiro e quinto ano de vida da criança, marcando a fase da latência (o intervalo-tempo entre a fase fálica e a genital), é que ocorre para o sujeito sua formação de personalidade, firmando-se na relação chamada de triangular que estabelece com seus pais.

O complexo de Édipo aparece entre os 3 e os 5 anos. Seu declínio marca a entrada num período chamado de latência, e sua resolução após a puberdade concretiza-se num novo tipo de escolha de objeto. Na história da psicanálise, a palavra Édipo acabou substituindo a expressão complexo de Édipo. Nesse sentido, o Édipo designa, ao mesmo tempo, o complexo definido por Freud e o mito fundador sobre o qual repousa a doutrina psicanalítica como elucidação das relações do ser humano com suas origens e sua genealogia familiar e histórica. (ROUDINESCO, 1944, p.180)

As relações entre pais e filhos são caracterizadas como triangular, porque duas famílias dão origem a uma terceira.

De acordo com Checchinatto (2007), a triangulação pode ser representada como no esquema a seguir:

Figura 1: triangulação da relação familiar



Fonte: Checchinatto (2007, p. 94)

A relação triangular (pai – mãe – criança) dá origem a constituição psíquica da criança.

Esta relação, que supomos ideal, propicia à criança um desenvolvimento normal... a triangulação precisa ser preservada, mesmo na ausência e até na carência de um dos genitores, caso contrário, a normatização da criança ficaria comprometida (CHECHINATTO, 2007, p. 97).

Nesse esquema fica evidente que as funções simbólicas presentes nas famílias, as quais a Psicanálise caracteriza por triangular ideal, são funções de pai e mãe, funções inconfundíveis e insubstituíveis. Para que essa relação seja saudável, o bom seria uma relação em que a criança pudesse caminhar sozinha com o passar do tempo, afastada desses pais, porém tendo a segurança de que estão sempre por perto.

No início da vida, a presença da mãe se faz mais importante, colocando o pai em segundo lugar. Porém, essa base triangular deverá ser determinada pelos ideais de cada casal, de modo a convergirem numa boa educação para seus filhos, sendo firmes e não oscilantes, conduzindo os atos da criança, mostrando que, a princípio, ela tinha muito mais a mãe corpo a corpo e, com o passar do tempo, ela tem os dois, pai e mãe, uma mesma forma tanto no pensar quanto no agir.

De acordo com Checchinatto (2007)

Pais sem firmeza, frouxos, sem autoridade, colocam a criança na angústia e na incerteza de seus impulsos internos. Ela se torna hiperativa, inquieta, agitada, intranquila, indisciplinada, não sabe o que fazer com jorros de suas pulsões. Não consegue disciplinar no horário de dormir, escovar os dentes, comer, tomar banho, ir para a escola. Torna-se agressiva, estúpida, violenta, quebra as coisas, dá pontapés em tudo e em todos... a falta de pais é um desastre para o desenvolvimento psíquico da criança, sobretudo de pais fisicamente presentes! (p. 99-100)

Mas mesmo ambos, pai e mãe, estando juntos na tarefa de educar, cabe ao pai garantir a normalização psíquica de cada criança. Essa normalização decorre da castração.

A castração nada mais é do que a lei que vem do pai, sua autoridade parental, cabendo para a mãe colocá-la em vigor. Nesse caso, vale lembrar que a criança, para ter acesso a esse processo de castração, precisa crescer distante do pai e da mãe da mesma maneira, tendo nos dois genitores as mesmas atitudes no ato da educação de seus filhos.

Checchinatto (2007) afirma que,

Tendo em vista que todo ser humano, em matéria de identificação, é devedor (senão dependente) das relações com os pais, muito podemos ajudar os pais que escutam os seus, na análise, puderem descobrir que os filhos são sintomas deles (p.111).

Fica fácil assim compreendermos as causas ou as origens dos problemas psíquicos, sobretudo em crianças. O que deve ser considerado para tal compreensão é a maneira como a criança foi recebida pelos pais e a forma conduzida em suas atitudes ou pulsões.

Cabe aqui não considerar necessário saber nomes de doenças, mas sim conhecê-las muito bem e tratar os doentes. Conhecer e ajudar o que é diferente. Naquilo que a Medicina nomeia como doença na criança, tais como Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade

(TDAH), TOD (Transtorno Opositor Desafiador), Déficit de Atenção, entre outros, é, na verdade, o sintoma revelando o estado psíquico no qual o sujeito está.

Nessa linha de pensamento, pode-se dizer que diante de uma criança cujo quadro apresente diferentes atitudes psíquicas não normais, são os pais que deverão ser tratados. Na teoria de Maud Mannoni, de acordo com Checchinato,

Tratar a criança-sintoma, além de ser um trabalho extremamente difícil, [...] compromete a chance de um bom diagnóstico [...] e a razão é simples: por mais que trabalhemos com a criança (ou o adolescente doente), ao voltar para casa após as sessões de análise, ela estará às voltas com esse feixe de palavras parentais que é a causa e a sustentação de seus sintomas. (MANNONI, 1971, apud CHECCHINATTO, 2007, p. 118).

É muito comum que a escola busque a causa dos problemas das crianças em diagnósticos que tem origem orgânica, com encaminhamentos ao neurologista. Porém, a maior parte dessas dificuldades, especialmente aquelas denominadas “problemas de comportamento”, têm relação com o sofrimento psíquico da criança na impossibilidade de elaborar a castração.

Para que ocorra a castração e a criança adentre ao simbólico, é necessária a interdição que se dá pela função paterna. É a mãe quem convoca o pai, é ela quem o apresenta. Deste modo ela demonstra que deseja para além da criança. Em alguns casos, porém, a mãe mantém o filho como objeto único de seu desejo. Quando a mãe se coloca nesta posição, ela não permite que a figura paterna realize a interdição, portanto a criança fica aprisionada a uma relação simbiótica. Nestas situações em que o filho está aprisionado aos desejos da mãe, não é possível a ele desejar, isto faz com que perpetue sua infantilização. Esta forma de relação pode desencadear alguns sintomas, como alterações na linguagem oral ou uma dificuldade escolar (NASCIMENTO e MONTEIRO, 2007, p. 194).

Assim, ao encerrar esse segundo capítulo, começamos a ter maior clareza sobre as algumas das inquietações que cotidianamente nos permeiam em relação às diferenças atitudinais vindas das crianças em seu âmbito social, mais especificamente na escola ou na creche.

No próximo capítulo irei mencionar como os professores podem, a partir de um olhar não patológico das diferenças dentro da escola, contribuir com os pais na estruturação de um psiquismo saudável nas crianças.

CAPÍTULO 3: O PAPEL DO PROFESSOR

Neste terceiro capítulo vamos discorrer sobre a importância do papel do professor como mediador da relação de pais e filhos na instituição escolar e como esse profissional pode contribuir ou não para possibilitar o desenvolvimento saudável da criança.

Nesses muitos anos de docência, tenho aprendido que os bons professores são aqueles que gostam do que fazem, ensinando com paixão e que, diariamente, mantêm uma relação afetiva saudável com seus alunos. Isso é tão forte que contagia todo o ambiente em sua volta e torna o professor mais sensível às questões emocionais e psíquicas que o cercam.

O amor e a cumplicidade dedicado às crianças e a relação que elas acabam por devolver ao professor faz com que muitas vezes ultrapassemos as barreiras e dificuldades que surgem cotidianamente em nossa rotina de trabalho. Faz também com que o papel desempenhado pelo professor se torne de suma importância tanto para ele, quanto para seus alunos.

A prática social docente exige o perfil de um profissional qualificado e preparado, em que o “improvisado” é descabido. Este preparo não se limita ao fator acadêmico, mas aquele que o qualifica enquanto humano, uma formação que dê as bases para que o docente identifique que necessita construir um emocional equilibrado, a fim de que possa ensinar boas ações e formas éticas para que a criança aprenda sob a ótica de uma concepção de educação libertadora, que se educa para a vida, do individual para o coletivo e vice-versa. A criança de hoje será o adulto de amanhã, então dessa forma é imprescindível que adquira uma base educacional de qualidade (LINHARES, 2012, p. 3).

Na verdade, seria algo processual o professor criar vínculos com seus alunos, criando ou descobrindo neles os mais variados sentimentos. A criança começa a confiar no profissional que diariamente se relaciona com ela: as atitudes, as carências, as reações, as fragilidades ficam expostas, levando o professor de forma real a construir uma parceria entre ele, os pais, e as crianças, a fim de que se entenda e se desvele elementos que o farão ter subsídios para sua rotina.

Quando o professor se depara em sua turma com crianças que não possuem nenhuma deficiência cognitiva, física ou mental, mas apresentam atitudes diferenciadas ao interagir com seus pares (agressividade, irritabilidade, apatia, falta de concentração) ou ações que afetam as áreas das emoções, se faz necessário estabelecer vínculos com as famílias, levando o docente angariar elementos que facilitem sua prática perante a criança.

Claro que devemos aqui mencionar que tal profissional necessitará ser proativo no sentido de ter um olhar diferenciado para a criança e para essa família; é necessário romper e

se desvencilhar de rótulos, tais como: “ele é bagunceiro, não aprende”, “nossa, deve ser hiperativo!” e ou ainda, “esta criança tem alguma síndrome”.

Tendo um olhar na abordagem psicanalítica, o educador pode romper com esses estereótipos e buscar compreender essas manifestações como sintomas de um conflito psíquico na criança.

Romper tais pré-conceitos é um grande desafio na atualidade, já que estamos inseridos numa sociedade imediatista, que busca respostas no orgânico, de soluções rápidas, de pouca comunicação também na Educação e na relação professor-aluno, em que pode haver um desejo de achar respostas prontas e soluções rápidas para a questão que a criança apresenta no cotidiano escolar.

O professor tem essa responsabilidade, não apenas de ensinar, mas de educar em um contexto global, ele não precisa apenas preocupar-se com os conteúdos que vão ser repassados a partir da relação cuidar/educar, porém de que forma esses chegarão a se transformar em conhecimento pelos educandos. (LINHARES, 2012, p.11-12)

Neste sentido é que o professor deve estar preparado, não só teoricamente para compreender essas interfaces do processo que a criança manifesta, mas também deverá proporcionar e despertar na mesma o interesse e até mesmo a necessidade de controle de suas pulsões.

Devo afirmar que criança é um ser social, inserida numa família, a qual também faz parte de um contexto social. A criança na relação familiar e escolar desenvolve suas capacidades afetivas, emocionais e cognitivas para vivenciá-las de forma social.

É na escola, na proximidade com os pares, que amplia suas relações sociais, interações e formas de comunicação, obtendo nessas trocas, com diferentes crianças e adultos, tudo o que necessita para se fazer valer como indivíduo.

Faz parte do desenvolver da criança poder aprender com os outros e com os vínculos, que é papel do professor favorecer, e, quando necessário, acolher os pais e apoiá-los para que permitam o desenvolvimento dela.

Segundo Checchinato (2007), a criança

[...] é a própria projeção daquilo que é problemático na família. A criança é abrigo, a morada da projeção dos problemas dos pais [...] a criança é alvo de projeção dos ideais, das idealizações, das frustrações e dos problemas dos pais [...] em que a saída sintomática encarnada na criança responde ao recalcado e aos ideais de ego dos pais. (p.139-140)

O professor deve ser um profissional que tenha dentro de si a sensibilidade, a afetividade, o diálogo para perceber essa criança e ajudar os pais no reconhecimento de que muitas

das manifestações dela são sintomas dos pais. Esse reconhecimento não se dará pela culpabilização, mas ao contrário, por uma escuta sensível que o professor pode oferecer à família.

A escola, por uma prática de acolhimento, se permitindo um novo conceito sobre as diferenças e dificuldades das crianças, contribui para a melhora do quadro apresentado pela criança na rotina.

Por conta da especificidade de seu papel, se faz imprescindível buscar conhecimentos acerca de como a criança se desenvolve cognitivamente, socialmente e afetivamente na escola, a fim de que as práticas pedagógicas neste nível de ensino alinhem com aprendizagem da criança (LINHARES, 2012, p.14).

De certo, é bom afirmarmos que o professor na Educação Infantil deverá não somente reunir uma gama de conhecimentos específicos sobre o desenvolvimento da criança ou como ela se organiza em níveis cognitivo, social e afetivo, mas também buscar encontrar a si mesmo enquanto pessoa que se constrói profissionalmente para o auxílio da criança.

As crianças, os filhos são sintomas dos pais, sintomas de um discurso fechado, enrijecido que, não raro, atravessa gerações, determinando o mito familiar e circunscrevendo a saga das famílias. Sintomas em todos os sentidos, sobretudo aqueles que fazem os filhos sofrer. Esses sintomas vão desde coisas corriqueiras como dificuldades de dormir, comer, fazer cocô, xixi até afecções mais graves do ponto de vista subjetivo, psíquico, como autismo, esquizofrenia, anorexia (TRAVESSA, 2019, sem paginação).⁵

Crianças com atitudes de agressividade, irritabilidade, falta de atenção, dificuldades de interação, comportamentos de oposição, em geral, são submetidas há busca de um diagnóstico orgânico, porém, se for compreendido como um sofrimento psíquico da criança na sua relação familiar, o professor deverá realizar a escuta da família, objetivando alterar o seu sintoma.

Essa escuta e as práticas que venham a ser realizadas pelos professores, bem como as reações do âmbito familiar antes e após a intervenção do profissional da área de Educação e atitudes existentes na própria criança serão abordados no capítulo 5.

⁵ Sinopse do livro: *Psicanálise de pais: Criança, sintoma dos pais*, de Durval Checchinato, no site da livraria Travessa. Disponível em: <https://www.travessa.com.br/psicanalise-de-pais-crianca-sintoma-dos-pais/artigo/15fd315d-31f1-4a56-b0c0-48cf7613f95>. Acesso em 18/09/2019

CAPÍTULO 4: METODOLOGIA DA PESQUISA

Esse trabalho tem como objetivo analisar as relações da família, da escola e como elas promovem o processo subjetivação das crianças na Educação Infantil. A pesquisa é de cunho qualitativo.

Segundo Lüdke e André (1983), a pesquisa qualitativa caracteriza-se por

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal... [...] Os dados coletados são predominantemente descritivos. O material obtido nessas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos; A preocupação com o processo é muito maior do que o produto. O interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades [...] O “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador [...] A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo [...] O desenvolvimento do estudo aproxima-se a um funil: no início há questões ou focos de interesse muito amplos, que no final se tornam mais diretos e específicos. (p.02 - 03)

A metodologia utilizada foi um estudo de caso que, segundo Gil (2008),

[...] é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir seu conhecimento amplo e detalhado [...] é um estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando as fronteiras entre o fenômeno e contexto não são claramente definidas e no qual são utilizadas várias fontes de evidência. (GIL, 2008, p.57-58)

O universo desse estudo de caso descreve uma criança de 3 anos e 6 meses do sexo feminino que, nessa pesquisa, foi denominada Amanda⁶ e que frequentou a Educação Infantil em minha turma de crianças, na creche do CECI PARCIAL/UNICAMP durante o ano de 2018, tendo seu ingresso na creche no ano de 2015, no mês de maio, quando tinha 07 meses.

A unidade funciona em dois turnos: manhã e tarde, das 7h00 às 13h00 e das 13h00 às 19h00, oferecendo os seus serviços de cuidar e educar crianças de 0 a 06 anos (variando conforme mês de aniversário da criança) para as mães e pais trabalhadores do Hospital Das Clínicas De Campinas e trabalhadores da Fundação de Desenvolvimento da Unicamp⁷- que é uma entidade de direito privado e sem fins lucrativos, com seus objetivos institucionais orientados no sentido de conceder apoio à UNICAMP e estudantes da universidade, independentemente do curso.

⁶ O nome da criança foi modificado para manter a privacidade da criança

⁷ FUNCAMP

A escolha por esse caso se deu por ter aflorado em mim diversas indagações sobre o suposto diagnóstico de autismo e os modos como os professores da instituição de Educação Infantil lidaram com as diferenças da criança. Para a descrição do caso são apresentados trechos dos relatórios das professoras anteriores, entrevistas realizadas com as duas professoras de outros anos e relatos das conversas com os pais.

O tempo do estudo de caso ocorreu durante todo o ano de 2018, mas especialmente no primeiro semestre, quando Amanda entrava na creche às 13h00 e iniciava sua rotina em minha turma.

Eu a observava em diferentes momentos da rotina, como nas brincadeiras livres, na roda da conversa e em diferentes espaços da creche, como na sala, no banheiro, no jardim e no parque.

Para a efetivação dos resultados da pesquisa, primeiramente eu só observava Amanda com seus pares, nos momentos de chegada, saída, ao estar com os pais, e nos momentos que eu fazia interações com ela. Depois passei a escrever em meu diário de anotações como eram as ações da Amanda, tais como, suas falas repetidas, seus momentos frente ao espelho, seus episódios de inquietação frente a alterações de rotina e seu relacionamento comigo e com os demais adultos da creche.

Foi somente depois de 06 meses que parti para a etapa de chamar a família para participar desse estudo, através de uma primeira reunião de contextualização de todo o processo de relacionamento da família com a criança. Logo após isso, juntos, família e eu, começamos a traçar ações que auxiliassem Amanda a modificar seus atos e ampliar sua socialização com todo o universo que a cercava.

No próximo capítulo, faremos a leitura completa deste estudo de caso e de seus detalhes.

CAPÍTULO 5: ESTUDO DE CASO: ANÁLISE DE UMA RELAÇÃO FAMÍLIA/PROFESSORA

Em fevereiro de 2018, eu trabalhava como professora de Educação Infantil na creche Unicamp, especificamente no Ceci Parcial, situada na cidade de Campinas-SP, atendendo as necessidades e especificidades da área de trabalho dos funcionários que se integram a Universidade. Atendia filhos ou dependentes de servidores que atuavam em esquema de turno dentro do hospital da universidade.

Meu grupo de crianças contava com oito crianças com idade de 03 anos completos.

Já na primeira reunião de planejamento anual, fui informada que haveria na turma uma criança com suspeita de autismo, sem nenhuma confirmação.

Para tanto, fui rever meus estudos em cursos de formação da minha primeira especialização sobre o Autismo, em que posso afirmar

[...] a palavra autismo originou-se da palavra grega “autos” (si mesmo) e foi utilizada pela primeira vez em 1911 por Eugen Bleuler, na descrição de um sintoma de esquizofrenia; evidenciado pela perda de contato com a realidade, acarretando, como consequência, impossibilidades ou uma grande dificuldade de se comunicar com os demais (LIRA,2004, p.32)

Assim, quando Amanda já estava em minha turma de crianças, fui verificar como havia sido o histórico dela dentro da instituição até a presente data para poder fazer uma ligação entre o que haviam relatado verbalmente e/ ou o que havia sido descrito em seu relatório de desenvolvimento individual, para só depois disso chegar a uma conclusão e traçar uma linha de trabalho com aquela criança.⁸

Amanda entrou na creche no dia 12 de maio do ano de 2015, no berçário. Mediante informações coletadas em seu relatório individual de desenvolvimento daquele ano, sua adaptação ao espaço da creche ocorreu de forma lenta, pois ela estranhava os diferentes adultos, contudo não apresentava nada em suas ações que levassem as professoras daquele ano considerar Amanda destoadada do grupo. Isso ocorria, pois nessa fase em que ela estava tudo era inato e Amanda era muito pequena.

7. No primeiro semestre do ano de 2018 eu dividia as responsabilidades desta turma com uma professora, porém após o período das férias de julho, devido à pouca quantidade de crianças na turma, passei a ser a única responsável pelo trabalho com as crianças.

Contudo, no ano de 2016, mais especificamente, no segundo semestre, passou a apresentar atitudes consideradas por parte das professoras da turma na ocasião destoantes do contexto do grupo e da idade cronológica a qual estava inserida, como pode ser lido no anexo 01 dessa monografia.

No ano de 2017, já no Maternal, Amanda continuava manifestando ações que denotavam às professoras daquele período se tratar de uma criança com ações diferenciadas, as quais podemos citar: repetições de palavras mencionadas pelos colegas da sala, permanecer muito tempo olhando o espelho sem atentar ao que estava ocorrendo a sua volta e pouquíssima interação com o grupo e com os adultos.

Foi quando nesse ano, como mostra a entrevista realizada com as professoras da turma no anexo 02, após uma reunião realizada individualmente com os pais e as professoras, a família recebeu a sugestão de procurar uma psicóloga com o objetivo de ajudar a esclarecer as ações de irritabilidade, inquietação e metodismo de Amanda.

Nessa reunião também os pais puderam relatar que Amanda em casa era muito quieta, pouco conversava, assim como os pais que se qualificaram como tímidos. As professoras orientaram a família a mudarem algumas posturas, como passar a questionar mais Amanda sobre seu dia na creche, ampliando assim o diálogo entre eles, como podemos comprovar nas escritas da entrevista realizada com as professoras. Mudanças posteriores, mesmo que bem pouco relevantes foram notadas em Amanda depois dessa reunião. Eram pouco relevantes porque eram mudanças que duravam bem pouco tempo sem maior incentivo advindo da família, que logo se perdia na rotina.

Nas entrevistas, as professoras mencionam que a psicóloga veio até a creche para acompanhar um dia da rotina de Amanda. Todavia, mediante os escritos, a profissional permaneceu uma tarde apenas na instituição, realizando ações de observação, não havendo nenhuma devolutiva, nem mesmo qualquer menção a uma patologia ou alguma possível síndrome que poderia ter relação às ações diferenciadas da criança.

Amanda apresentava episódios de choro, estranhamento em relação aos colegas e aos adultos, não possuía fluência de linguagem em palavras e frases, não realizava o que lhe era solicitado, tinha muitas restrições para manusear diferentes tipos de objetos e texturas, preferia brincar sozinha, ficava por muito tempo se olhando no espelho, parecia estar em um mundo paralelo, não demonstrando interesse nas atividades coletivas como pode ser lido no anexo 01 e 02.

No ano de 2018, já na turma em que eu era a professora da sala, Amanda não conseguia expressar-se utilizando palavras para relatar sua rotina diária em casa ou, por vezes, repe-

tia o que os colegas de turma falavam, sem nenhuma palavra conectada com a realidade. Também continuava a ficar por muito tempo olhando o espelho e, nas atividades já dominadas pelas outras crianças como calçar os sapatos, Amanda não as realizava.

Ao mesmo tempo em que eu ficava quase aceitando aquela suposição de que minha aluna poderia ter Autismo, em outro momento eu a olhava fixamente e questionava a possibilidade de estar diante de uma criança com algo para além da patologização, afetando todo aquele indivíduo que ainda estava em formação.

Era muito mais fácil dizer, acreditar e explicar as atitudes de Amanda como sendo portadora de uma síndrome, mas, enquanto profissional especializado em Educação, precisei olhar para além das ações que ela manifestava e fui buscar respostas na Psicanálise, onde pude ler as obras de Durval Checcinatto(2007) e Sartori (2001) e retirar preciosas informações para concluir essa pesquisa por serem autores que trabalham com a temática da psicanálise com uma linguagem muito clara e objetiva para o momento atual dessa minha escrita.

Comecei a pesquisar por que Amanda manifestava ações como a de ficar irritadíssima ao notar qualquer mudança na rotina da turma, repetir palavras por inúmeras vezes já mencionadas por seus pares em nossas rodas de conversa, não conseguir realizar processos simples como o de se vestir sozinha sem intervenção do adulto, entre outras coisas e fui pensando em que momentos ela as manifestava, como eram suas práticas e como solucionava suas inquietações e se as solucionavam.

Até antes das férias de julho eu estava com a turma com mais crianças e, por isso, éramos em duas professoras focando na observação da criança e, muitas vezes, indagava a mim mesma: “tem algo diferente sim, mas penso que não chegue a ser Autismo”, parecia muito mais algo cultural advindo da família.

Como resultado dessas inquietações, em agosto, voltando do período das férias escolares, solicitei à direção que marcássemos uma reunião com os pais de Amanda. Conseguimos que viessem para esse momento o pai e a mãe juntos.

Comecei perguntando para ambos como foi a gestação de Amanda e como foi preparada sua vinda; qual seria a história de vida; o que haveria por trás daquela família e daquela criança?

A mãe de prontidão começou a relatar que a filha foi extremamente desejada, pois o casal já estava com a idade um pouco avançada para terem filhos e havia a possibilidade, segundo os médicos, de terem filhos com alguma anomalia. Por essa razão, a gravidez foi imensamente esperada e com grandes planos. A fala do médico parece ter marcado significativa-

mente essa família, pois definiu para ela um lugar de “doente”, uma sina difícil de ser desfeita.

Quando Amanda nasceu, a mãe se via diante de um bebê que passou a proteger, guardar, amparar, tudo porque tinha medo de que algo de ruim tirasse deles a filha tão desejada.

Passado o tempo da licença maternidade, Amanda foi matriculada na creche em que estávamos e a mãe, em específico, passou a criar sua única filha como se fosse uma mini “Caroline”.

A mãe relatou-me que era extremamente metódica, que durante muitos anos se isolou em casa tendo apenas poucos amigos e que para ela era inadmissível sua única filha comer sozinha, se trocar sozinha ou realizar qualquer atividade sozinha, pois para Caroline proteger significava executar as ações de e para a Amanda.

A mãe narrou que Amanda brincava com os primos e que observava que a filha falava menos, não gostava de alterações na rotina, mas que pressupunha ser tudo muito normal. “Ela e a filha seriam um único ser, um único corpo, uma única relação” (palavras tiradas da fala materna).

Pensando à luz da Psicanálise,

A separação entre elas demanda que a criança possa compreender, minimamente, que ela mesma se sustenta mediante a ausência materna. [...] Significa que é necessário sair dessa posição onde seu desejo encontra-se aderido ao desejo da mãe, na tentativa de ser o objeto do desejo materno. [...] o que regula e determina, portanto, o avanço para essa direção é a possibilidade que cada casal tem em articular em sua própria vida sua condição desejante (SARTORI, 2001, p. 20-21).

Assim, baseando-me nesses relatos em que o pai pouco falou, nas entrevistas realizadas com as professoras anteriores, nos relatórios de desenvolvimento individuais dos outros anos e da minha vivência diária com a criança, passei a ver Amanda como uma criança que manifestava ser o sintoma de pais, seu comportamento destoante do resto da turma era uma manifestação psíquica inconsciente de manter-se no desejo da mãe, ser a mini-Caroline, ser a criança doente, ser a que necessita de total cuidado como um bebê. Vale a pena ressaltar que, na ocasião em que estávamos todos envolvidos, eu não tinha ainda conhecimento sobre a possibilidade da criança ser sintoma de pais, por isso não mencionei tal hipótese em seu relatório de desenvolvimento infantil.

Passei, então, a ter entendimento sobre as ações diferenciadas que Amanda produzia cotidianamente. Era única, mas com características iguais a de sua mãe, que faziam-na destoar de todo o grupo de crianças.

Essa família estava de acordo com as teorias da Psicanálise inserida numa trajetória em que a triangulação ideal se fazia desestruturada e a criança se reconhecia como um único núcleo com a mãe, passando a imitá-la e a demonstrar até os mesmos gestos físicos da mãe, as preferências da mãe como sendo as suas, chegando ao ponto de não “existir” mais a Amanda. Quem se sobrepunha nessa relação era somente a figura materna, a paterna não conseguia se manifestar e o processo de castração se via comprometido.

Existe apenas um fator que garante a normatização da criança: a castração. Ora, a castração é função paterna, função do nome-do-pai. A Lei vem do pai e, como se disse anteriormente, depende da mãe que ela vigore. Quando os pais não abrem mão de sua autoridade parental, isto é, quando exercem seus atos educativos com firmeza, a criança cresce com segurança e tranquila. Ela apresenta harmonia no seu desenvolvimento. Aprende a enfrentar os problemas e obstáculos que vão surgindo em seu crescimento (CHECCHINATTO, 2007, p.106)

Mediante isso, digo que, caso haja alteração em um dos fatores da triangulação, vemos na criança consequências na sua formação de caráter, na subjetividade da criança. E é nesse momento que entra o olhar do professor.

Vi que Amanda estava precisando de ajuda e, durante a reunião que fiz com a família, sugeri a mãe, Caroline, que experimentasse por apenas uma semana deixar a filha comer sozinha, levar a mochila escolar sozinha, se trocar sozinha (mesmo que de um jeito não tão correto), tomar banho sozinha e mais, propus aos pais que Amanda fosse fazer suas atividades externas no condomínio acompanhada pelo pai, alterando o caminho por onde eles costumavam passar, levando seus brinquedos sozinha e caso fossem à padaria, por exemplo, que também mudassem a rotina, seguindo o caminho percorrido pelo pai.

Caroline e seu esposo Flávio⁹ seguiram minhas sugestões. Marcamos de conversar novamente uma semana depois para avaliarmos os ganhos, as perdas ou o que permaneceu inalterado.

Eu, como professora da sala, já me adiantei descrevendo que, durante uma semana, isto é, em apenas 07 dias, já havíamos notado que Amanda dava sinais de melhora nas diferenças comportamentais que tanto destoava do restante do grupo. Passou a erguer a calcinha logo após urinar, passou a me chamar para realizar perguntas, o que me emocionou, pois eu pouco tinha ouvido a voz de Amanda naqueles meses todos ao seu lado. Mas, e em casa? O que os pais notaram de positivo?

⁹ O nome do pai foi modificado para manter a privacidade da família

Caroline e Flávio disseram que, no primeiro e no segundo dia, tudo estava muito incerto ainda e que Amanda ficara bem irritada com as alterações nas posturas dos genitores. Mas, com o passar da semana, foi dando sinais de que ela queria por sua única e exclusiva vontade se trocar sozinha, passou a falar mais com eles, a questioná-los em suas ações e a demonstrar suas preferências, mesmo que às vezes com expressão incomodada;

Essas pequenas mudanças de atitude permitiram que o pai tomasse seu lugar na relação triangular que antes era dual (Caroline e Amanda), instaurando a função paterna. Permitiu a Amanda descolar-se da mãe e realizar, sozinha, as atividades que já tinha capacidade motora e cognitiva de realizar. Permitiu, desse modo, que a castração pudesse operar.

Combinamos, então, que daríamos continuidade em nossas novas ações e que eu, enquanto profissional da Educação, dependia muito da ajuda deles, pois sozinha jamais teria presenciado resultados tão expressivos.

Parece-me que um determinante para que as práticas docentes deem-se de uma ou de outra forma é o quanto a professora conhece cada uma das crianças, reconhece suas múltiplas linguagens, valoriza os seus gestos, expressões, silêncios, olhares... demonstrando, assim, o quanto está disponível para perceber cada uma delas, abrindo mão, muitas vezes, do repertório de conceitos (e preconceitos) que construiu ao longo da sua prática docente (TRISTÃO,2004, p.05).

Ao findar do ano de 2018, em dezembro, Amanda já estava totalmente harmonizada com o grupo do qual fazia parte, tomava banho sozinha e se trocava sozinha logo após as atividades no parque de areia, falava inúmeras palavras e frases, todas com máxima sequência lógica, narrando fatos acontecidos nos finais de semana. Amanda sorria mais, cantava, questionava e brincava muito mais. Caroline e Flávio, na festa de encerramento do ano letivo, me procuraram para dizer que a intervenção estava funcionando bem, trazendo segurança para eles e levando-os a tomar a decisão de transferir Amanda para uma escola particular bem perto da casa deles, pois ela mesma pedia para ir à escola com as amiguinhas do condomínio. Não se irritava mais quando o pai alterava o trajeto até a padaria, pelo contrário, era ela que sugeria novos caminhos.

Checchinato (2007) menciona que “todos os pais bem-intencionados (não os perversos) se sensibilizarão com uma relação triangular não-sadia, geradora de distúrbios na criança” (p.111)

Os resultados da pesquisa acarretaram uma mudança em minha postura enquanto profissional da Educação, pois passei a observar a criança em seu aspecto emocional e comportamental sem nenhuma pretensão de fazer qualquer pré-julgamento para só depois interligá-los ao aspecto cognitivo, trouxe uma redefinição de conceitos, pois comecei a me questionar o

porquê de Amanda e sua família não terem recebido esse olhar cuidadoso e amoroso anteriormente por parte das professoras antes de mim. Posso afirmar que houve também um amadurecimento por parte dos pais mediante a fase em que Amanda estava e necessitava ser social.

Essa experiência em minha vida pessoal fez-me ser mais atenta ao ser humano enquanto indivíduo que carrega dentro de si uma história, às vezes boa, outras vezes de dor ou crueldade, indiferença, egoísmo, entre outras coisas.

Por último, faz-se notório na criança os avanços na fala, na independência e na sua autonomia na vida diária.

Assim foi com a família da Amanda.

Atualmente, tenho menos contato com seus pais, pois agora Amanda está na escola do seu bairro, mas quando é possível algum contato, sempre que posso, os indago sobre como ela está e a resposta que tenho recebido até o momento é sempre assim: “uma tagarela, feliz e confiante!”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Venho neste momento findar esse estudo.

Foram dias de escrita, leitura, pesquisas, orientações por parte da professora Lilian e muito aprendizado.

Foi através desse estudo que pude entender melhor a relação triangular de pais e filhos e me convenci de que a chave para entender as manifestações diferenciadas das crianças não estavam nelas, mas nos pais.

Sei que às vezes você poderá até perguntar: “todas as diferenças atitudinais ou todas as ações que vemos em adultos e crianças derivam de pais, nas relações estabelecidas com seus filhos?”.

Posso dizer que os sintomas das crianças em muito derivam dos problemas causados pelos pais, sendo função da mãe algo extremamente delicado.

A função da mãe implica um ato que faz dela um indicador da presença paterna, ou seja, da lei, mediante a qual um sujeito pode ter acesso ao desejo [...] A educação, portanto, é a operação simbólica que faz surgir o lugar do pai (SARTORI, 2001, p.77-78).

Entende-se que, quando a mãe torna presente essa função de paternidade, as crianças deixam de correr riscos, isto é, permanecem sadias, não ficam à mercê do mal-estar dos pais ou da conjugalidade deles.

São as relações estabelecidas nas famílias e depois na escola que promovem o processo de subjetivação das crianças desde a Educação Infantil.

A função da escola e do professor nesse momento é o de acolher a criança e reconhecer a dinâmica familiar. O professor necessariamente precisará ser um suporte, sem pré-julgamentos, e, ainda, sem patologizar essa criança. Dar tempo para que ela estabeleça vínculos, laços e segurança com a figura do professor.

Para Sartori (2001), ao professor cabe um trabalho delicado, na medida em que ele está com um grupo de crianças, mas sendo solicitado por cada uma de maneira diferente.

Dáí vale retomar o que já havia apenas indagado no início do capítulo dois desse trabalho, em que crianças são diferentes, com ações diferentes, mas se tornam únicas por solicitarem ser ensinadas, orientadas e amadas de maneiras diferentes.

Elas não são diferentes apenas no aspecto físico ou social, são diferentes em tudo aquilo que envolverá suas emoções, levando-as a se tornarem únicas.

Penso ter atingido meus objetivos com este estudo de caso a partir do momento que passo a entender, à luz da Psicanálise, que crianças são sintomas de pais e que por isso necessitam ser primeiramente acolhidas em todas as áreas que as compõem, para só depois chegarmos a uma conclusão, buscando auxiliar a todos os envolvidos.

REFERÊNCIAS

- CARNEIRO, Relma Urel Carbone. Educação inclusiva na educação infantil. *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 8, n. 12, p.81-95, jan. 2012. Semestral
- CHECCHINATO, Durval. *Psicanálise de pais: criança, sintoma de pais*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2007. 181 p.
- DARÓ, Beatriz Rall et al. COMUNICAÇÃO PELO OLHAR ENTRE MÃE E BEBÊ: SUBJETIVIDADE E INTEGRAÇÃO DO EU. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p.646-661, ago. 2017.
- EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. *As Cem Linguagens da Criança: A Abordagem de Reggio Emília na Educação da Primeira Infância*. Porto Alegre: Artmed, 1999. 319 p.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. *A psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986. 300 p.
- FREIRE, Madalena. *A paixão de conhecer o mundo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 123 p.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 220 p.
- LINHARES, Francisco Reginaldo. *O cuidar e o educar na Educação infantil: o descortinar da relação teoria e prática*. 2012. 14 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2012.
- LIRA, Solange Maria de. *ESCOLARIZAÇÃO DE ALUNOS AUTISTAS: HISTÓRIAS DE SALA DE AULA*. 2004. 151 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. Cap. 3.
- LÜDKE, Menga; E.D.A.ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986

- MORAES, Jorge Adrihan do Nascimento de. A pedagogia de Paulo Freire e a Educação contemporânea: Uma análise crítica. *KhÓra: REVISTA TRANSDISCIPLINAR*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 5, p.01-11, 2017.
- NASCIMENTO, L. C. R.; MONTEIRO, F. P. T. O feminino materno e o masculino filial: as dificuldades de aprendizagem como sintoma na criança. *ETD - Educação Temática Digital*, v. 8, p. 192-203, 26 nov. 2008
- NOÉ, Alberto. A relação educação e sociedade: Os fatores sociais que Intervém no Processo Educativo. Avaliação: Revista da Avaliação Superior, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p.21-26, 20 fev. 2000.
- PETRUCI, Maria das Graças Ribeiro Moreira. CEFAM - Uma proposta de formação e aperfeiçoamento de professores para o 1º grau. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, [s.l.], n. 6, p.9-25, fev. 1994. Fap UNIFESP. (Acessado em 29/09/19)
- SARTORI, Cristina Helena G. Entrada da criança na escola e período de adaptação. Campinas: Alínea, 2001. 83 p.
- Sinopse do livro: *Psicanálise de pais: Criança, sintoma dos pais*, de Durval Checchinato, no site da livraria Travessa. Disponível em: <https://www.travessa.com.br/psicanalise-de-pais-crianca-sintoma-dos-pais/artigo/15fd315d-31f1-4a56-b0c0-48cf7613f95>. Acesso em 18/09/2019
- TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. Ser professora de bebês: Uma profissão marcada pela sutileza. *Zero-a-seis, Florianópolis*, v. 6, n. 9, p.1-9, 2004.

ANEXOS 01

UNICAMP
DEIC

Divisão de Educação Infantil e Complementar – DEIC

Relatório de Observação do Desenvolvimento da Criança

NOME: [REDACTED] D.N: 27/10/2014

RESPONSÁVEL: [REDACTED]

PROF's: [REDACTED]

INICIO DEIC/Ceci Parcial: 12/05/2015

172º Semestre/2017

O objetivo deste relatório é descrever as observações realizadas pelas professoras [REDACTED] e [REDACTED] durante o ano de 2017.

Ele é um instrumento para o professor ao proporcionar a análise de seu próprio trabalho e para a família possibilita acompanhar o crescimento, aprendizado e conquistas da criança.

Antes de relatar aspectos individuais de cada criança é importante ressaltar algumas características comuns ao desenvolvimento desta faixa etária que é o pular, saltar, escalar, correr, entrar e sair de pequenos espaços, utilizando todas as possibilidades que lhe são oferecidas, desenvolvendo assim a noção de espaço e tempo. O vocabulário é amplo e rico, possibilitando assim a melhor formação de frases.

É nesta faixa etária que tem início o interesse por brincar de faz de conta, surgindo assim a escolha de brincadeiras como de escolinha, da casinha, ou de super-heróis.

A criança amplia significativamente a descoberta do que está ao seu redor, assim outras ações adquirem novas formas de exploração. Todo esse processo, embora comum a todas as crianças acontece de forma singular para cada uma delas.

UNICAMP
DEIC

diretamente a ela com alguma pergunta (por exemplo: que brinquedo você trouxe? Quem arrumou seu cabelo hoje?) ela ainda não responde. Através de músicas, histórias e brincadeiras que envolvem imitação, estamos trabalhando para a expansão da linguagem.

Em situações de conflito, quando alguém pega seu brinquedo ela grita e reclama, neste momento orientando para que ela converse e resolva com o amigo de outras formas.

Estamos trabalhando com toda turma a questão de dividir os brinquedos e aprender a esperar sua vez. No segundo semestre foi combinado com os pais o "dia do brinquedo". Toda sexta feira pedimos para a família trazer um brinquedo de casa e observamos que neste sentido ela obteve melhoras, já consegue emprestar seu brinquedo aos amigos tranquilamente.

Nas brincadeiras motoras, [REDACTED] cada dia enfrenta novos desafios. O escorregador, por exemplo, no início ela apenas observava, agora ela já arrisca subir e escorregar sozinha.

Sua alimentação é boa, aceita todos os alimentos oferecidos. Às vezes quer usar as mãos para comer, mas temos conversado e orientado para que utilize a colher. Percebemos que no segundo semestre, ela faz uso da colher corretamente.

No mês de Maio [REDACTED] saiu de férias e voltou fazendo a retirada de fralda, e nós continuamos o processo juntamente com a família. Nos primeiros dias chegou a escapar algum xixi (o que é normal nesta fase). Mas com o passar dos dias foi conseguindo segurar por mais tempo, inclusive durante o sono e até já vai embora sem fralda. No segundo semestre já tem controle dos esfíncteres.

O Projeto: "cheiros, cores e sabores: conhecendo descobrindo e explorando o universo das frutas" surgiu de acordo com o interesse das crianças, durante uma atividade para escolha do nome da turma. Elas elegeram as frutas para ser o nome da turma e as professoras acharam pertinente aprofundar um pouco mais nesse assunto uma vez que eles mesmos demonstraram interesse.

UNICAMP
DEIC

do corpo para a família caracterizar, pesquisar nas revistas diferentes tipos de famílias para montar um mural, reconhecer objetos trazidos de casa para a caixa surpresa, explorar e perceber seu crescimento através das fotos (mãe grávida, bebê, e família) e plantio do feijão.

No dia de desenhar o molde do corpo, ela aceitou a proposta e ao levantar-se, ficou observando o que havia acontecido.

A partir desse contexto que [REDACTED] está inserida, as atividades realizadas tem desempenhado papel fundamental no seu desenvolvimento, suas descobertas, suas vivências em grupo, consciência de seu corpo e de sua identidade.

De acordo com o desenvolvimento dos projetos, [REDACTED] está a cada dia ampliando sua capacidade de socialização, criatividade, memória e imaginação. Cada dia que passa adquire mais autonomia, desenvolvimento motor e cognitivo.

Campinas, 21 de [REDACTED] de 2017

[REDACTED]

[REDACTED]


 UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)
 Diretoria Executiva do Ensino Pré-Universitário (DEEPU)
 Parceria – Diretoria Geral de Recursos Humanos (DGRH)
 Divisão de Educação Infantil e Complementar (DEdIC)

FICHA DESCRITIVA DO BEBÊ/CRIANÇA – DEdIC 2018
Relato do Processo de Aprendizagem
 e
Desenvolvimento dos Bebês e Crianças

Unidade: CECI Parcial
 Horário de frequência/ turma: das 13h00 às 19h15
 Convivência/módulo: Convivência II B
 Nome da professora: _____
 Nome do Bebê/ Criança: _____

1º Semestre

Sobre o Projeto com a Turma: Pretende-se durante este ano propiciar vivências que possibilitem realçar as finalidades da educação em ciências de base experimental, de forma a alimentar a curiosidade das crianças e estimular o seu desenvolvimento cognitivo emocional. Promovendo assim, o aprofundamento de conhecimentos científicos das crianças. Bem como, despertar a sua curiosidade, desenvolvendo o espírito investigativo, levando a fazer muitas perguntas e busca de respostas, criando hipóteses sobre as questões científicas que fazem parte do nosso cotidiano.

A avaliação do processo "ensino-aprendizagem" individual:
 No primeiro dia da volta das férias, observou-se que houve por parte da _____ uma recusa em entrar na sala e na nova turma. Segurando no seu pai, manifestando choro, depois de um certo tempo, coincidindo com nossa mudança de atitude e na tentativa de fazê-la se envolver

com o grupo, levamos as crianças para o parque, local aberto, amplo, onde só assim a _____ começou a adquirir confiança nos adultos e se reintegrar ao grupo, ao qual, que já pertencia no ano de 2017.

Foi um dia onde nosso objetivo era acolher a _____ de forma a criar um vínculo para que nos dias seguintes esta entrada ocorresse de forma mais tranquila.

E assim aconteceu; a _____ já no segundo dia de atividades na creche, não expressou mais o choro ao chegar, sendo acolhida sempre, nos dias que se seguiram, com um abraço carinhoso ao chegar, fazendo com que ela, entrasse na sala de maneira mais segura.

Diariamente, logo após o lanche fazemos a roda da conversa, onde cada criança relata como foi sua manhã em casa, respeitando a fala e a vez de cada amigo. Quando chega ao momento da _____ participar observamos em vários dias que ela não consegue se expressar utilizando as palavras para relatar sua rotina diária em casa, ou por vezes, repete o que os amigos falam, ou ainda, permanece em silêncio quando por nós, professoras, questionada.

No que se refere à formação da identidade e ao desenvolvimento da independência e autonomia, observa-se que a _____ durante ações simples, como ir ao banheiro, baixar e levantar a roupa, fica à espera da ajuda do adulto e ou volta ao lugar de onde saiu, sem colocar a roupa. Neste momento, nossa atitude é de fazê-la voltar e realizar a ação correta, como a de erguer a calcinha e o shorts. Em outros momentos, como antes e após o banho, não consegue tirar e colocar roupas ou sapatos sozinha. Fica a nossa espera, parada, sem esboçar nenhuma atitude para realizar tal comando.

No comportamento diário, mostra-se carinhosa e alegre, preferindo o adulto. Com os amigos, fica perto, mas não interage nas brincadeiras, ficando mais isolada, falando sozinha, fazendo gestos aleatórios, com partes do corpo, ou gastando parte da sua rotina, olhando no espelho, rindo para ele, conversando com o espelho e tentando pegar a imagem ali refletida.

No parque, não há interação com as crianças, mas nota-se que a _____ realiza movimentos repetitivos circulares, em volta do gira-gira. Em outros dias, ela também manifesta falas repetidas de desenhos animados.

Durante este semestre podemos dizer que quando muda a rotina a _____ esboça reações de choro, de nervosismo e até birra. Isto ocorreu, no refeitório, quando ela foi devolver a sua caneca de água, uma criança sentou no seu lugar. Neste momento, a _____, volta, se afastou da mesa e começou a chorar e a gritar. Nós adultos, demoramos certo tempo para entender o que estava acontecendo. Ao percebermos tal situação, tiramos a criança da

cadeira e colocamos ela sentada de volta no seu lugar. Assim, cessou seu choro. Mas o importante é destacar que não houve "a fala", expressada, não relatou os fatos para nós. Somente, demonstrou ações. Em outra ocasião, num dia festivo na creche, nós professoras de referência da _____, não fizemos a recepção das crianças em nossa sala. Nossa turma foi recebida pelas professoras _____ e _____. A _____ não quis entrar na sala, chorou, mas ao ver a professora _____ se acalmou. Contudo, mesmo vendo a _____ não quis entrar na sala da outra turma. Só entrou quando a sua professora, _____ deu a volta, recebendo-a pela sua sala de costume.

Nos momentos de leitura que acontecem na sala e na biblioteca, _____ fica alheia ao que a cerca, mas quando acontece a contação por meio de fantoche ou teatro, ela tem uma reação de encantamento.

Porém em atividades que utilizamos bexigas durante atividades do projeto Pequenos Cientistas, a _____ demonstrou estranheza ao segurar a bexiga, sentindo aflição e repudiou realizar qualquer ação.

Através das experiências vivenciadas na música, participa com empenho, dançando, cantando e sorrindo. É participativa nas aulas de música com a professora Sônia. Nas atividades de circuito, como na FEF, apresenta muita alegria e participa.

Nas vivências com os experimentos, _____ fica dispersa dependendo do momento e da atividade, atuando no material à disposição, seguindo as orientações das professoras.

Quanto à alimentação, aceita muito bem os alimentos oferecidos pela creche, demonstra autonomia e firmeza para manusear talheres e a caneca, experimenta de tudo. Nos dias em que ela é a ajudante para servir os alimentos, se desempenha muito bem.

Diante de cada sala temática que se vivencia com o grupo, observa-se que a _____ necessita estar amparada pela ação do adulto, fazendo-a ampliar suas ações tanto na área da comunicação, interesse com os amigos e vivências comportamentais.

Faltas (em dias): _____
 Atrasos (em dias): _____

UNICAMP DEIC

RELATÓRIO INDIVIDUAL DA CRIANÇA

NOME: [REDACTED] D.N: 27/10/2014

RESPONSÁVEL: [REDACTED]

PROFªs: [REDACTED]

INÍCIO DEIC/CAS: 12/05/2015.

2015

[REDACTED] iniciou na creche no dia 12 de maio do presente ano. Durante o início da adaptação estranhou os diferentes adultos, crianças, ambiente e rotina que começaram a fazer parte do seu cotidiano. Mas com o decorrer dos dias passou a ficar mais tranquila e atualmente se apresenta como uma bebê sorridente, curiosa, concentrada e calma quando não apresenta fome ou cansaço.

Não utiliza chupeta e costuma dormir em algumas ocasiões sozinha, em outras com a ajuda de uma das professoras e não apresenta resistências contra o sono, apenas gosta de realizar algumas vocalizações, cantorias antes de fechar os olhinhos.

Com relação à alimentação, como todos os alimentos que lhe são oferecidos, papas de fruta, papas salgadas, pedaços de frutas, legumes, verduras, carminhas, vitamina...

Gosta de estar com outras crianças, sejam seus coetâneos ou outras crianças maiores e professoras, não demonstrando receio a ponto de solicitar colo.

Apresenta curiosidade nos objetos do cesto do tesouro, brinquedos emborrachados e nos sonoros que lhe são apresentados durante o período que permanece na creche à tarde, bate-os com as mãos e também explora com a boca.

UNICAMP DEIC

Senta-se com apoio de almofadas ao seu redor dependendo do que está explorando e está buscando gradativamente engatinhar no chão e a rolar em busca de algum objeto de interesse.

No segundo semestre do ano apresentou novas conquistas, como por exemplo: engatinha, escala, explora a área externa, brinca com a areia (costuma experimentar o sabor também). Participa dos momentos de música acompanhando os ritmos movimentando seu corpo e batendo palmas, além de sorrir ou gargalhar.

Atualmente come arroz, feijão, carnes, saladas, legumes... aceitando sem dificuldades estes novos alimentos e já consegue segurar os pedaços de frutas, pães, bolachas, bolas na mão.

Agora só faz um momento de sono (salvo exceções) na creche e costuma apresentar resistência, dorme com a ajuda de uma professora que fica ao seu lado acalentando-a!

Os projetos do Convivência I tarde da CAS que a [REDACTED] está acompanhando são: "Projeto Institucional sobre os Espaços", "Bolsa de Histórias" e "Pintando a cultura brasileira: a infância retratada em Romero Brito e Ivan Cruz".

Todos os projetos são anuais e foram escritos coletivamente pelas professoras dos dois períodos do Convivência I da CAS/ DEIC. O primeiro projeto tem como tema a organização dos espaços, tanto interno quanto externo e este se interliga com futuras propostas do módulo.

O segundo projeto objetiva possibilitar às crianças/bebês experiências narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos e por fim, o último tema de projeto, relacionado à Arte, busca promover o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais, possibilitando o relacionamento e a interação dos bebês com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, fotografia, teatro, literatura e tradições culturais.

UNICAMP DEIC

A [REDACTED] passou a participar ativamente as situações de aprendizagens relacionadas a exploração das tintas (guache, tintas naturais), da água e das texturas (gelatina, macarrão, chantilly).

Ainda apresenta forte desejo oral utilizando bastante a boca como fonte de exploração das coisas ao seu redor.

Com relação aos livros, notamos que apresenta um interesse na exploração deste objeto, suas cores, formas e texturas.

Nos projetos, ressaltamos que temos contado ativamente com a participação da família em vários momentos. Agradecemos o empenho e a parceria no fortalecimento destas relações e na construção conjunta da uma educação infantil de qualidade para cada uma de nossas crianças.

[REDACTED]

Data: ____/____/____2015.




RELATÓRIO INDIVIDUAL DA CRIANÇA

NOME: ██████████ D.N: 27/10/2014
 RESPONSÁVEL: ██████████
 PROF: ██████████

INICIO DEdiC/CAS: 12/05/0215
 1º SEMESTRE/ 2016

Esta avaliação foi elaborada a partir da observação de cada criança, tendo em vista sua participação nas atividades realizadas, na rotina e na sua interação com os colegas, com as professoras e com os diferentes espaços. Este breve relato fornecerá uma visão detalhada da progressão do desenvolvimento psicomotor e sócio afetivo das crianças mediante a proposta pedagógica da equipe de professoras do Convivência IIA- Tarde.

As teorias sócio interacionistas concebem o desenvolvimento infantil como um processo dinâmico, pois as crianças não são passivas ou meras receptoras das informações que estão a sua volta. Através do contato com seu próprio corpo, e com seu ambiente, bem como através da interação com outras crianças e adultos, as crianças vão desenvolvendo a capacidade afetiva, a sensibilidade, a autoestima, o raciocínio, o pensamento e a linguagem.

Entendemos que essa fase da primeira infância é extremamente importante para o desenvolvimento moral, intelectual, motor e afetivo da criança e a intencionalidade da atual proposta pedagógica é ampliar cada vez mais as experiências das crianças, seu repertório de palavras, conscientizá-las com relação a organização coletiva do ambiente, favorecer a construção de sua autonomia diante das situações cotidianas; como cuidados com os pertences individuais e coletivos, arrumar os brinquedos que foram utilizados, dentre outras situações rotineiras do nosso dia a dia. Nesse contexto proporcionamos a elas atividades diversificadas que viabilizem esse desenvolvimento em sua totalidade.

Dentro desta perspectiva pedagógica é que estabelecemos como eixo norteador para a nossa proposta de trabalho o Projeto "CIRCO" que foi




escolhido pois acreditamos ser uma maneira lúdica. Esses elementos norteadores foram considerados como direcionamento para a base da elaboração desta avaliação. Portanto, essa avaliação é todo um processo direcionado para as experiências, as manifestações, as vivências, descobertas e conquistas das crianças no espaço oferecido.

Assim, observamos que o desenvolvimento sócio afetivo da ██████ foi de acordo com o esperado para faixa etária. Seu retorno a creche se deu de forma gradativa.

██████ inicialmente demonstrou certo estranhamento ao retornar a creche, chorava um pouco na entrada e solicitava colo as professoras na maior parte do tempo, aos poucos fomos conversando com ela e mostrando o quanto o novo espaço e as novas experiências poderiam ser boas e ela foi se soltando e adaptando-se a nova rotina, aos novos colegas e também as novas professoras.

Sua linguagem ainda não expressa palavras e frases, como já é esperado nessa faixa etária. Notamos que ela compreende bem o que lhe é dito porém algumas vezes não realiza o que lhe é solicitado necessitando a intervenção das professoras mais diretamente.

Em seus conflitos com os colegas ainda resolve através do choro e quase sempre vai em busca de suas referências para solicitar um aconchego se acalmado rapidamente quando é acolhida. ██████ gosta bastante de colo.

Aprecia ouvir histórias e é bastante receptiva e atenta aos diferentes tipos de som que são apresentados. Nos momentos de música sorri e demonstra muita satisfação ao tentar acompanhar os gestos feitos pelas professoras.

Percebemos algumas restrições com relação a manipulação de alguns objetos e diferentes tipos de textura, porém aos poucos vamos fazendo com que ela tenha confiança demonstrando o quanto prazeroso podem ser esses momentos, sempre respeitando seus limites.

Vem apresentando notório avanço no que diz respeito as atividades propostas.

Diferente do início do semestre apresentou-se mais compreensiva e diminuiu o choro no decorrer dos meses quando suas vontades não são




realizadas. ██████ tem preferência por brincar sozinha, e na maioria das vezes inventa suas próprias brincadeiras.

É importante ressaltar que constantemente incentivamos as crianças a brincarem juntas, compartilharem brinquedos e dividir espaços, como também esclarecemos que é preciso esperar a vez de participar e que há momento para cada atividade uma vez que convivemos em ambiente coletivo.

É uma menina sorridente e carinhosa, que adora dar e receber carinho. Alice se desenvolveu de forma satisfatória nesse primeiro semestre.

Quanto à nutrição, alimenta-se bem. Come de tudo na maioria das vezes. Tem necessidade de ajudar com as mãos nos momentos das refeições; estamos conversando com ela para que perceba que não há essa necessidade.

No momento do descanso dorme sozinha tranquilamente.

2 SEMESTRE

No segundo semestre demos continuidade ao Projeto Circo, até o mês de outubro, muitas atividades novas foram introduzidas, ampliamos o contato e a experiência com diversos papéis, materiais diversificados, tintas, giz de cera e de lousa com o intuito de desenvolver ainda mais a criatividade.

Mas também outras atividades importantes precisavam ser consolidadas junto às crianças, como roda de música, chamadinha para reconhecimento de si e dos colegas, rodas de história, brincadeiras dirigidas.

██████ participou das atividades propostas dentro do Projeto, porém sua frequência é pequena, já que se desinteressa rapidamente procurando outra atividade. Sempre busca o espelho que temos em sala, e passa um tempão se admirando nele.

Raramente entra em disputas, quando o faz, desiste com facilidade quando percebe que o coleguinha está decidido a disputar com ela, evitando conflitos prolongados.

Logo que é convidada a participar de algo, ela primeiro analisa a situação, dá uma observada nos colegas e só depois se houver mesmo interesse começa a interagir com o que está sendo proposto. Aos poucos vem




procurando interagir com os colegas, mas quando esses se aproximam demais, seja para brincar junto ou fazer um carinho, ela logo disfarça e se distancia.

Gosta de brincar com bolas, pega e leva para as professoras, e quando jogamos ela sorri com satisfação.

Em nossas brincadeiras e rodas cantadas, observa de longe o que está sendo realizado, mas se mostra tímida na hora de dar as mãos ou cantar junto, preferindo fazer isso um pouco mais afastada do grupo.

Em relação aos cuidados, estimulamos ainda mais as crianças a terem autonomia incentivando-as ao aprendizado da forma correta de se alimentarem sozinhas, guardar os brinquedos após o uso, tirar os sapatos e roupas no momento da higiene.

Sua linguagem verbal ainda está em fase de desenvolvimento, pronunciando em sala apenas balbucios.

Sua preferência por músicas e histórias passou a ser cada vez mais evidente. Não pode ouvir um som que já sai dançando alegremente.

Continua alimentando-se bem e comendo de tudo, após conversar com a mãe, fizemos um trabalho juntas e ██████ passou a se alimentar melhor, utilizando as mãos apenas para segurar a colher e não mais colocar na boca. Demora a dormir e ao dormir não gosta de ser acordada. Seu sono é tranquilo.

Campinas, 01 de NOVEMBRO de 2016.

QUESTIONÁRIO À PROFESSORA do ano letivo de 2017, REFERENTE AO PERÍODO TRABALHADO COM A CRIANÇA AMANDA¹:

Nome da Professora: _____ Tempo de trabalho na Instituição: 13 anos

- 1- Como foi a adaptação da criança na sua turma?
- 2- Quais foram as maiores dificuldades enfrentadas com a criança durante este período?
- 3- Como era a sua prática perante uma dificuldade da criança?
- 4- Em algum momento houve avanços no desenvolvimento da criança? Se sim, como e porque ocorreu?
- 5- Como era o relacionamento da criança com o grupo de crianças?
- 6- De que modo você via a relação da criança com a família?
- 7- Como era o relacionamento escola x família?
- 8- Gostaria de acrescentar algo em suas respostas?

¹ O nome da criança foi modificado para manter a privacidade da criança.
² O nome da professora foi modificado para manter a privacidade da professora.

Respostas

1- A adaptação da criança na turma foi tranquila. Ela interagiu bem com as professoras, mas com as outras crianças da sala, ela interagiu muito pouco.
Era uma criança que não interagiu com o grupo, mas ela gostava de ficar dançando em frente ao espelho da sala e cantava para sua mãe.

2- A dificuldade maior era a interação da criança com o grupo.
Durante a roda de conversa, as crianças relatavam como tinha sido o final de semana, qual música elas queriam cantar, mas quando chegava a hora da criança em questão falar, ela não se expressava, apenas observava e sorria, ou falava apenas uma palavra que não tinha nada a ver com o assunto, ou ficava repetindo várias vezes a fala de outra criança.
Ela também se dispersava facilmente durante uma contação de história ou uma outra atividade em grupo, como um jogo de montar, por exemplo.

3- Quando as professoras começaram a perceber a dificuldade de interação da criança com o grupo, elas começaram a tentar fazer com que ela interagisse mais na roda de conversa, isto mudando mais ela a falar olhando no olho

dela para que ela percebesse melhor a pergunta, perguntava qual música que ela queria cantar e mesmo que ela não falasse, as professoras davam as opções e iam falando os nomes das músicas, por exemplo.
Quando as professoras perguntavam quem havia arrumado seu cabelo, ela não respondia, então as professoras insistiam na pergunta: foi a mãe ou foi o papai?

4- Chamamos os pais para uma conversa para saber como era a criança em casa, se ela tinha contato com outras crianças fora da creche e a mãe relatou que ela tinha contato com alguns primos mas eram em poucos meses velhos que ela.
A mãe relatou também que em casa ela era bem quieta também e não conversava muito. Ela até argumentou que ela e o pai da criança eram bem tímidos, falavam pouco, talvez por isso a criança fosse assim se podia ser também a personalidade da criança.
As professoras orientaram os pais a conversar mais com a criança, perguntar o que ela fez na noite, se ela havia se alimentado, etc.
Depois dessa orientação fomos percebendo que a criança começou a se "soltar" mais na questão da linguagem.

5- Era uma criança que sempre preferia brincar sozinha. Era muito raro quando ela participava de alguma atividade em grupo, mesmo quando as outras crianças da sala chamavam ela para participar.

6- Com a família ela tinha uma boa interação, se relacionava bem com os pais e sempre demonstrava muito apego a eles.
Era uma criança muito amorosa, tanto com os pais quanto com as professoras.

7- A família sempre participava ativamente das atividades que eram realizadas.
Inclusive quando tinha alguma comemoração que envolvia a família, mesmo estando de folga naquele dia, os pais faziam questões de comparecer e participar.

8- Depois que as professoras conversaram com os pais, eles procuraram ajuda com uma psicóloga e relataram o caso.
Teve um dia que a psicóloga foi acompanhada a rotina da criança na creche e ficou observando ela durante o período, durante a atividade na sala e durante a refeição.

Professora: Roseli

Tempo de trabalho na instituição:
10 anos

① Quando Amanda chegou para nós, ela já estava inserida na rotina há alguns anos, por isso sua adaptação ocorreu de forma gradual e tranquila, era preciso adaptar-se apenas às novas professoras. No momento da entrada gostava de acomodarse no colo de alguma professora e em seguida ia a procura de algum brinquedo de sua preferência.

② A maior dificuldade foi a interação entre os pares, pois ela era uma criança muito quieta e tímida, gostava de brincar sozinha, parecia estar em um mundo paralelo. Nas atividades coletivas Amanda sempre estava alheia, não se envolvia e nem demonstrava interesse em participar.

③ Era tentar fazer com que ela interagisse melhor com os amigos, conversando e buscando novas possibilidades, pegava em sua mão, levava-a ao convívio coletivo, brincava junto, favorecia uma maior aproximação comigo mesma e com os pares.

④ Após algumas observações decidimos chamar a família para uma conversa e então apontamos a questão da falta de interação de Amanda. Sugirimos que fossem procurar saber com a pediatra mais informações e também sugerimos que levassem Amanda mais vezes em parques e praças para interagir mais. A família procurou a pediatra e a mesma encaminhou para uma psicóloga que veio a escola um dia para observar Amanda, e a partir daí observamos avanços em relação às interações de Amanda.

⑤ As crianças da turma tinham um certo ciúme com Amanda, queriam cuidar dela, pegavam em sua mão quando iam mudar de espaço.

⑥ Amanda foi uma criança muito amada e desejada, a família tinha muito cuidado e isso fez com que ficassem super protetores.

⑦ Família sempre presente, atenta aos comunicados e solicitações das professoras e instituição, tudo feito com muito zelo e capricho.

⑧ Gostava de ressaltar o quanto é importante a parceria escola/família, pois muitas vezes as professoras enxergam situações vivenciadas no coletivo que a família desconhece em seu ambiente familiar e estar abertas e atentas aos apontamentos das professoras faz toda diferença no desenvolvimento da criança.